

LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: REFLETINDO A TEORIA E A PRÁTICA

Adriana Adelino BEZERRA
Maria Gorette Andrade SILVA
Profa. Dra. Kalina Naro GUIMARÃES (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba

Sabendo-se da relevância do ensino-aprendizagem de literatura, é mister discutir sobre a sua aplicabilidade na sala de aula. Em vista disso, o presente trabalho pretende refletir acerca do ensino da literatura no Ensino Médio, discorrendo sobre a sua escolarização inadequada, bem como sobre a necessidade do incentivo à leitura literária. A partir de uma pesquisa etnográfica, observamos uma turma de 3º ano do Ensino Médio, buscando estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática. Respaldados nos documentos oficiais e em teóricos como Pinheiro (2006; 2012), Cosson (2009), Rangel (2007), Rouxel (2013), entre outros, verificamos a necessidade de estratégias metodológicas que venham diminuir as distâncias entre o aluno e o texto literário. Diante disso, encontramos no trabalho com o gênero crônica um excelente caminho para a formação de leitores literários mais críticos, construindo um diálogo pertinente com as obras, a partir de sua experiência pessoal e dos saberes literários que circulam na escola.

Palavras-chave: Ensino Médio. Literatura. Leitura literária. Estratégias metodológicas.

1 Introdução

Partindo do princípio de que a educação desempenha um relevante papel na sociedade, uma vez que contribui para o desenvolvimento intelectual e humano, importa ressaltar a necessidade de se refletir acerca do processo de ensino-aprendizagem, bem como de aspectos envolvidos no contexto educacional, em especial da educação básica. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394/96), a educação é "formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio" (Art. 21º § 1º). Nesse sentido,

o Ensino Médio é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como "sujeito em situação" – cidadão (PCNEM, 2000, p. 09).

Desta feita, compreende-se o Ensino Médio como a fase responsável pelo aprofundamento das competências adquiridas no decorrer de todo o nível básico, no intento de preparar os alunos para a continuação dos estudos, o mercado de trabalho, dentre outras habilidades fundamentais. Espera-se que, ao concluir a educação básica, o aluno esteja apto a compreender e usar a língua materna, de acordo com as diferentes esferas da vida social.

No que se refere ao ensino de literatura no Ensino Médio, os documentos oficiais defendem a sua abordagem de forma mais significativa, para que, de fato, ela faça sentido no âmbito educacional. Discute-se sobre a reformulação da atitude diante da literatura, atentando para a sua funcionalidade, posto que é de interesse desses mesmos documentos a inserção e o estudo da arte no ensino-aprendizagem. As OCEM (2008) mostram que a arte no Ensino Médio se faz necessária e, por conseguinte, a literatura, uma de suas manifestações. Nesse sentido, a arte torna-se um meio de sensibilizar e adquirir conhecimentos, mediante a fruição estética, como meio de humanização. Segundo Candido (2004, p. 180), humanização diz respeito ao

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

A literatura no Ensino Médio, portanto, deve ser vista numa perspectiva inovadora, na qual o professor, enquanto mediador, deve procurar mostrar aos seus alunos as especificidades da literatura, explorando a expressividade do texto literário, com o intuito de formar leitores sensibilizados e mais críticos dos aspectos concernentes à coletividade social.

Reconhecendo a pertinência do ensino da literatura, importa discutir também sobre a sua aplicabilidade na sala de aula, isto é, como os conteúdos desse componente curricular estão sendo abordados na escola, apesar das orientações estabelecidas e disponibilizadas pelo governo.

Nesse sentido, o presente trabalho reflete acerca do ensino-aprendizagem de literatura no Ensino Médio, discorrendo sobre alguns problemas da sua escolarização e sobre algumas perspectivas de abordagem que contribuam para a formação de leitores literários mais críticos. Neste percurso, ressaltamos a necessidade do incentivo à leitura literária, dentro e fora da escola, para além do cânone, considerando-se a diversidade de textos e autores existentes.

A reflexão sobre o ensino da literatura e a indicação de uma proposta, ainda que modesta, para uma abordagem mais significativa do texto literário partiram de uma experiência, como monitoras, de turmas no Ensino Médio. Dessa maneira, este trabalho também apresenta nossas perspectivas acerca de algumas práticas escolares observadas durante o ato de monitorar o fazer docente de uma professora atuante numa escola pública,

atividade essa proporcionada pelo componente curricular Estágio Supervisionado III, ofertado pelo curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba. Nesse contexto, tivemos a oportunidade de estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática, verificando as suas possibilidades de aplicação e adaptação ao contexto escolar.

Somando-se a isso, atentamos para a leitura do texto literário na sala de aula, partindo do pressuposto de que novas estratégias metodológicas devem ser adotadas, a fim de diminuir as distâncias entre o aluno e o texto literário. Para tanto, apresentamos alguns procedimentos didáticos contemplando o gênero crônica, de modo que o discente construa um diálogo pertinente com as obras, a partir de sua experiência pessoal e dos saberes literários que circulam na escola.

2 A Literatura no Ensino Médio: problemas, desafios e novos caminhos de abordagem

Atualmente, muito se tem discutido sobre a maneira como certos conteúdos, literários ou não literários, estão sendo abordados na escola. Por esse motivo, o termo letramento tem sido amplamente discutido, visando contribuir para que novas práticas de ensino sejam adotadas pelos professores. De acordo com Soares (2006, p. 18), letramento pode ser considerado como "o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita", envolvendo-se em práticas sociais de leitura e de escrita, em contextos específicos. Diante disso, o letramento deve ser entendido no "plural", como algo que envolve mais do que simplesmente ler e escrever.

No âmbito da literatura, destaca-se o letramento literário, entendido "como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos" (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Assim, tem-se o letramento literário quando se compreende a escrita e a leitura dentro das especificidades do texto literário. Para as OCEM (2008, p. 55), aquele é visto como "o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o".

Assim como a aprendizagem deve ser significativa, dentro e fora da escola, refletindo na vida social dos alunos que fazem parte do cotidiano moderno e social, o letramento literário também não termina na escola. Partindo dessa premissa, considera-se que cada leitura tem sua particularidade e efeitos sobre o leitor, pois, como enfatizam Paulino e Cosson (2009), não existem leituras iguais.

Alguns teóricos têm discutido que, embora a literatura faça parte do currículo do Ensino Médio, ainda há certa resistência quanto à sua presença na escola e aos seus

significados e funções, que são distantes do pragmatismo vigente nas esferas educacionais. Em consonância com uma concepção utilitária, segundo Rangel (2008), ainda hoje, o ensino da literatura vem consistindo, dentre outros aspectos, na abordagem da ordem cronológica dos fatos históricos e literários, de acordo com a época e as tendências vigentes, além da apresentação de dados sobre os autores e a utilização de fragmentos de textos. Muitas dessas inadequações, que acabam despertando no aluno a noção de que estudar literatura é difícil, servindo apenas para atender às exigências da escola e dos exames nacionais, estão contidas no livro didático. E sobre isso, discute-se o desafio de formular uma proposta que possa abordar a literatura no livro didático mais adequadamente: "Trata-se, então, de encontrar os denominadores comuns possíveis, entre as recomendações oficiais, a experiência pessoal e a necessidade de permitir ao aluno um acesso possível à 'literatura em ação'" (RANGEL, 2008, p. 157).

Na ótica de Rangel (2007), outro aspecto a ser discutido, referente à relação entre a literatura e o livro didático, diz respeito ao trato com a diversidade de gêneros e textos, defendidos pelos documentos oficiais. Segundo este autor, o não entendimento dessa perspectiva pode resultar no abandono do texto literário em favor dos demais. Dessa maneira, são necessárias estratégias, tanto por parte do professor, buscando incentivar o aluno a construir seu próprio repertório de leitura, quanto por parte da escola, que deve disponibilizar espaços de leitura. Conforme Paulino e Cosson (2009, p.74), "a escola precisa oferecer biblioteca com acervo literário incentivador, banco de textos, sala de leitura ou, pelo menos, uma estante em sala de aula onde o aluno possa manusear obras literárias".

Diante de tais desafios, percebe-se a dificuldade na efetivação do letramento literário no âmbito escolar. Para Paulino e Cosson (2009), o que tem prevalecido não é o incentivo à experiência literária, mas a soma de conhecimentos sobre literatura. Corrobora Silva (2003) que, em virtude do consumo rápido de textos, a escola não tem dado a devida consideração para a troca de experiências e discussões sobre os textos, deixando as interpretações dos alunos em segundo plano. Entende-se, com isso, o predomínio da supervalorização pela quantidade de conteúdos e textos. As OCEM (2008) enfatizam a necessidade do letramento literário, justamente, para proporcionar o contato efetivo com o texto, possibilitando ao aluno a percepção do prazer estético em obras dotadas de certo estranhamento e, nesse sentido, a seleção de textos pelo professor precisa ser considerada.

2.1 Perspectivas para a escolarização da literatura rumo à formação do leitor

Como vimos, algumas inadequações na abordagem da literatura no Ensino Médio tendem a distanciar o aluno de uma possível aproximação com o texto literário e, conseqüentemente, do gosto pela leitura. Um desses fenômenos diz respeito à escolarização inadequada da literatura, porém, antes de discutirmos a respeito, convém entender o que vem a ser escolarização. Segundo Soares (2006, p. 20),

Não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes: o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de "saberes escolares", que se corporificam e se formalizam em currículos, matérias e disciplinas, programas, metodologias, tudo isso exigido pela invenção, responsável pela criação da escola, de um *espaço* de ensino e de um *tempo* de aprendizagem.

Sendo assim, a escolarização é um processo inevitável, é a essência da escola. Entende-se que tudo aquilo que está ligado à escola, de alguma forma, acaba passando por esse processo; a escola não existe por acaso, tem sua função e especificidade, utilizando-se de critérios de adequação e adaptação do externo ao seu próprio contexto.

Vislumbrando maiores esclarecimentos, Soares (2006, p. 21) aponta que faz parte do processo de escolarização tudo o que institui e constitui a escola, como "ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados do ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção e conseqüente exclusão, de conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos". Na realidade, dependendo da maneira como as coisas se desenvolvem e acontecem na escola, essa escolarização pode ser adequada ou inadequada.

Considerando a inserção da leitura literária na escola como algo desafiador, mediante as diversas atividades da contemporaneidade, como as encontradas na internet, que se tornam mais atrativas para os alunos, Martins (2006) defende a abordagem da literatura, segundo as noções de intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e intersemiose. Nessa perspectiva, a internet deve ser uma aliada, havendo uma articulação entre textos impressos e eletrônicos. De acordo com a referida autora, a ausência de tais perspectivas no trato com a leitura literária contribui para a escolarização inadequada e, além de afastar o aluno, desenvolve nele a resistência e/ou aversão pelo ato de ler. Na ótica de Matos (1987 *apud* SILVA, 2003, p. 518) "o ensino da literatura é, em rigor, impossível, pela simples razão de que a experiência não se ensina. Faz-se. Mas podem e devem criar-se as condições para essa experiência: removendo obstáculos e proporcionando ocasiões."

Conforme as OCEM (2008), a leitura literária na escola tem desconsiderado a leitura propriamente dita, privilegiando a metaleitura, a partir de simulacros. Tais atividades são necessárias na escola, mas como ponto de apoio para a compreensão dos alunos, devendo-se

procurar conquistar o leitor para a efetivação da leitura na íntegra. Até mesmo os textos curtos devem ser devidamente selecionados. Compreende-se, assim, a necessidade de renovação das práticas de ensino do professor, para conduzir, em suas aulas, o letramento literário, afastando-se das práticas de escolarização inadequada da literatura.

No contexto da escolarização da literatura e do letramento literário, discute-se a questão da seleção de textos que instiguem no aluno o interesse pela leitura, buscando a formação de leitores. No tocante à escolha dos textos a serem utilizados em sala de aula, Pinheiro (2012) discute que nem sempre é necessário levar questionamentos e/ou entrevistas para a sondagem do horizonte de expectativa dos alunos, pois uma simples conversa informal poderá revelar gostos musicais, filmes, até mesmo o que esses alunos estão acostumados a ler. A partir disso, as escolhas se tornam mais significativas, na medida em que os interesses dos estudantes são considerados. Enquanto mediador do conhecimento considera-se que "é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura" (COSSON, 2009, p. 35).

Nessa perspectiva, o letramento literário sempre irá trabalhar com o atual, que independe da época, importando aquilo que determinada obra literária significa para o aluno. Assim, Cosson (2009, p. 34) faz uma distinção importante entre o atual e o contemporâneo, ao dizer:

obras contemporâneas são aquelas escritas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação. De modo que muitas obras contemporâneas nada representam para o leitor e obras vindas do passado são plenas de sentido para sua vida.

Conforme Pinheiro (2012), as obras podem provocar experiências diversas, mobilizando emoção e reflexão, com as quais o leitor poderá construir sentido para o que lê. Ademais, "o efeito de proximidade que o texto literário traz [...] é o resultado do diálogo que ele nos permite com o mundo e com os outros" (COSSON, 2009, p. 28).

Depreende-se, pois, a necessidade de um planejamento didático voltado para uma metodologia mais dialógica, que considere o contexto escolar e social dos alunos, com base na perspectiva do letramento literário, bem como na sua contribuição para a formação de leitores literários. Dentre outras orientações relevantes, em geral, os teóricos defendem a sala de aula como um lugar onde o incentivo à leitura torna-se possível por diversas formas: a partir de textos clássicos e contemporâneos, de modo que ambos se tornem atuais para os alunos; evitando a mera reprodução e repetição de fragmentos para finalidades puramente

linguísticas; considerando a diversidade de leituras produzidas pelos alunos em contextos não escolares; desenvolvendo atividades dinâmicas para análises comparativas entre textos, de épocas distintas; trabalhando a leitura e oralidade, a partir da leitura literária; oportunizando as escolhas pessoais dos alunos em momentos adequados; promovendo o diálogo entre a literatura e outras artes e linguagens.

3 O Estágio Supervisionado no Ensino Médio e a formação do professor de literatura: teoria e prática em diálogo

Vislumbrando possibilitar um diálogo entre a teoria e a prática, no que se refere ao ensino e a formação de professores, a proposta de inserir o Estágio Supervisionado como componente curricular nas instituições superiores, determinada, inclusive, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº. 9.394/96), tem como objetivo possibilitar aos graduandos dos cursos de licenciatura o contato direto com a realidade de sala de aula, fazendo-os (re)pensar a prática docente.

O ensino de literatura, para muitos alunos, continua sendo um meio para a decodificação de estilos de época, implicando na ausência de significação da literatura. Assim, a supervalorização do tradicional nos sistemas escolares acaba distanciando ainda mais o público escolar. Para o aluno de Letras, especialmente, o contato prévio com o ambiente escolar, através das experiências de Estágio, amplia seu desenvolvimento acadêmico, uma vez que, a partir dos conhecimentos adquiridos na academia e da realidade vivenciada, poderá formar seus próprios conceitos, de maneira crítica, significativa e fundamentada.

Para o cumprimento da componente curricular Estágio Supervisionado III, do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, com habilitação em língua portuguesa, observamos uma turma de 3º ano do Ensino Médio, numa escola estadual, localizada na cidade de Campina Grande, PB. Para tanto, pautados na etnografia da educação, destacaremos alguns aspectos pertinentes em relação às aulas observadas.

Em virtude de motivos maiores e considerando o horário das aulas, no período noturno, tivemos a oportunidade de acompanhar, efetivamente, três aulas, embora o previsto fosse oito. A docente, que atua na profissão já há algum tempo, demonstrou um interesse considerável pela literatura. Durante as aulas, privilegiaram-se conteúdos referentes ao modernismo, mais precisamente, à Semana da Arte Moderna, a partir da leitura silenciosa e discussão de textos que, nesse caso, eram poemas representativos desse movimento literário.

Primordialmente, a ênfase se deu nos poemas "Os sapos" e "Poética", ambos de Manuel Bandeira.

Durante o estágio, percebemos uma carência da prática de leitura na sala de aula. Geralmente, após alguns minutos de leitura silenciosa por parte dos alunos, a professora era quem lia o texto em voz alta para, em seguida, iniciar a discussão. De acordo com Pinheiro (2012), é importante que, além da leitura silenciosa, o professor proponha a leitura oral por mais de um aluno, para que as particularidades do poema, como o ritmo e a sonoridade das palavras, sejam percebidas, favorecendo a aproximação dos alunos com o poema.

Ao longo da discussão em sala, percebemos a preocupação da professora em mostrar que os alunos já tinham visto anteriormente o assunto, questionando-os acerca das características do modernismo que poderiam ser percebidas nos poemas, o que implica dizer que o contexto histórico veio antes do contato com a poesia. Além disso, outros textos que abordassem a temática em estudo poderiam ter sido aproveitados, para a melhor percepção do estilo literário característico do período modernista.

Quanto aos alunos, percebemos uma preocupação excessiva com as notas e, pelo fato de as aulas terem curto espaço de tempo, geralmente uma aula por série, faltou a participação ativa das turmas. Segundo Pinheiro (2012, p. 100), "a realidade do professor e da turma é que vai favorecer determinados destaques, o aprofundamento ou não de um viés temático, etc."

Pelo que temos visto, muitos obstáculos precisam ser derrubados, o professor precisa encontrar métodos de ensino que se tornem eficazes. Para tanto, deve atentar para o que dizem os documentos oficiais e a teoria literária, fazendo uma adaptação das possibilidades de abordagem, transformando sua sala de aula de acordo com as necessidades de seus alunos.

3.1 O gênero crônica na sala de aula: uma proposta

Na concepção de Jouve (2013), toda leitura é dotada de subjetividade. Entretanto, em especial no Ensino Médio, a leitura envolve aspectos dotados de complexidade, sendo necessário que as reações espontâneas do leitor possam ganhar amplitude, para que este tenha acesso a outras possibilidades interpretativas, conforme aponta Rouxel (2013). Assim,

É finalmente quando as configurações subjetivas do leitor são questionadas pelo texto (quer dizer, quando a subjetividade é acidental) que a experiência da volta a si é mais impactante. O leitor é então levado a refletir sobre o que o conduziu a projetar no texto aquilo que não estava lá (JOUVE, 2013, p. 60).

Desta feita, o trabalho com a crônica permite o olhar subjetivo do leitor mediante o registro de acontecimentos corriqueiros do cotidiano, não raras vezes despercebidos. Advinda do grego “Khrónos” ou do latim “chronos”, como significação de “tempo”, a crônica surge inicialmente como sendo uma forma de registrar os fatos sem maiores aprofundamentos, recebendo o nome de “folhetim”. De acordo com Moisés (1967), somente a partir do século XIX é que a crônica começa a ganhar nova roupagem e hoje se constitui de “uma soma de jornalismo e literatura” (SÁ, 2008, p.07), posto que a recriação do cotidiano ocorre de maneira simples, humorística e, por vezes, reflexiva:

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante [pequeno acontecimento do dia-a-dia] brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também (SÁ, 2008, p. 11).

No tocante ao trabalho com textos literários na sala de aula, mais especificamente no Ensino Médio, Rouxel (2013) aponta a relevância de se considerar o uso que é feito da obra literária, de modo que esta se torne significativa para o leitor. Segundo esta autora, existe uma distinção entre utilizar e interpretar. A primeira diz respeito a uma experiência pessoal do leitor, que pode ser compartilhada, ao passo que a segunda remete à busca consensual de um significado. Nesse sentido, é preciso considerar os saberes que circundam na escola, pois, conforme afirma Rouxel (2013, p.164), “os saberes genéricos e históricos podem desempenhar, juntos, um papel regulador entre as duas posturas face ao texto, favorecendo as abordagens interpretativas sem descartar o investimento pessoal”. Sendo assim, é indispensável possibilitar ao aluno a compreensão de que uma obra literária pode significar no tempo e que ele poderá utilizá-la para si, de acordo com a sua realidade.

Diante disso, considera-se a crônica como uma oportunidade para a utilização e interpretação do texto literário, a partir das significações e inquietações que a leitura literária denota. Dessa forma, depreende-se que a subjetividade é justamente o fator mais relevante na compreensão da crônica. Na ótica de Moisés (1967, p. 116), “a impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo”.

Com base em tais reflexões e na realidade vivenciada durante o Estágio Supervisionado III, verificamos a ausência de interação dos discentes frente ao texto literário.

Por este motivo, no intento de promover uma aproximação pela leitura literária, de forma a contribuir para que o aluno adentre nas possibilidades de sentido envoltas em cada texto, despertando simultaneamente a criticidade, propomos o trabalho com a crônica em turmas de nível médio. Espera-se que o aluno consiga estabelecer um diálogo com as obras estudadas, (re)descobrendo as possibilidades interpretativas mediante a experiência de leitura literária de crônicas, cuja subjetividade marca os registros circunstanciais da realidade.

Para tanto, utiliza-se de obras de escritores como Luis Fernando Veríssimo e Fernando Sabino, a fim de instigar a criticidade nos alunos a partir dos aspectos abordados nas crônicas, despertando neles um olhar mais reflexivo acerca do cotidiano. Assim, como sugestão de aplicabilidade, apresenta-se alguns procedimentos metodológicos, que, apesar de breves, se voltam para a priorização da leitura literária no contexto escolar.

Para um primeiro momento, apresenta-se a crônica “Inimigos”, de Luis Fernando Veríssimo, que retrata o comportamento de um casal após alguns anos de relacionamento. Antes, porém, discute-se acerca do título, instigando nos alunos a realização de possíveis inferências, as quais devem ser dispostas no quadro para comparar com as opiniões posteriores à leitura. Em seguida, solicita-se a leitura silenciosa da referida crônica, para o contato prévio com o gênero, seguindo com a leitura em voz alta pelos próprios alunos. Nesse momento, sugere-se que a leitura seja realizada por três pessoas, de forma a representar a voz do narrador e dos personagens (o homem e a mulher). Em um segundo momento, apresenta-se a crônica “De homem para homem”, de Fernando Sabino, na qual o personagem apresenta uma situação marcante ocorrida na sua infância, deixando no leitor a impressão de que, apesar do tempo, tal acontecimento não foi esquecido. Nesse momento, também é interessante a leitura prévia por parte do aluno. Ao final, espera-se que os discentes reflitam sobre as crônicas apresentadas, estabelecendo comparações entre os dois textos e se posicionando criticamente frente às situações descritas.

O professor, durante a mediação das discussões, deve instigar nos alunos a percepção dos aspectos peculiares do gênero, como a brevidade dos textos, os fatos triviais do cotidiano, a linguagem simples e coloquial, bem como o teor reflexivo que tais textos denotam e despertam no leitor. Isso posto, depreende-se que “a crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação” (SÁ, 2008, 78-79).

4 Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que é preciso incentivar a leitura literária, desmistificando a noção de dificuldade comumente atribuída à literatura, convém ressaltar os desafios envolvidos no contexto educacional. Assim, considerando a heterogeneidade das salas de aula e o propósito de metodologias de ensino inovadoras, o professor em formação, consciente de sua escolha profissional, não deve acomodar-se e permitir que o tradicionalismo predomine na sua prática de ensino.

Sabendo-se da relevância de formar leitores literários, mostrando-lhes o poder humanizador da literatura, cabe ao professor buscar meios para que o aluno possa experimentar a expressividade do texto literário, a partir de suas experiências de leitura e de leitores. Partindo dessa premissa, urge o aprofundamento do que vem a ser chamado de letramento literário, para a atualização de profissionais com anos de experiência docente e, sobretudo, para aqueles que desejam exercer o magistério, os recém formados. Contudo, não convém aqui apresentar apenas críticas, mas, sobretudo, contribuir para que tais aspectos possam ser superados, a partir do comprometimento com a educação.

Ressalta-se, ainda, a dimensão significativa do gênero crônica, já que ele representa o cotidiano com simplicidade e poeticidade. Motivos assim denotam a relevância da abordagem desse gênero no contexto de sala de aula, em especial do Ensino Médio, uma vez que existe a pretensão de se formar leitores de textos literários mais críticos. Espera-se que “a narrativa reinvente os momentos belos da nossa vida vulgar, despertando também em nós o poeta adormecido” (SÁ, 2008, p. 87).

De acordo com Soares (1988, p. 28) "aqueles que formam leitores - alfabetizadores, professores, bibliotecários - desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social". Em vista disso, optemos pelo comprometimento, fazendo com que os alunos, sejam eles do Ensino Médio ou não, reconheçam seu potencial e desenvolvam, para que se tornem dentro e fora da escola, pesquisadores de meios para suas próprias realizações e descobertas.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases – **LDB nº 9.394**. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *In: Parâmetros Curriculares Nacionais (ensino médio)*. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de literatura. *In: Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004.

COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? *In: Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-30.

_____. Leitura literária: a seleção dos textos. *In: Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 31-36.

JOUVE, Vicent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *In: Leitura subjetiva e ensino de literatura*. LANGLAD, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (coord.); MORAES, Amaury C. [et al.]; JOVER-FALEIROS, Rita. São Paulo: Alameda, 2013, p. 53-65.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? *In: Português no ensino médio e formação do professor*. BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.); KLEIMAN, Angela B. [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 83-102.

MOISÉS, Massaud. A Crônica. *In: A criação literária: prosa II*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 101-120.

PAULINO, Graça & COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In: Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. ZILBERMAN, Regina & ROSING, Tania M. K.. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

PINHEIRO, José Hélder. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. *In: Literatura: da crítica à sala de aula*. NÓBREGA, Marta; PINHEIRO, José Hélder (orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2006, p. 111-126.

_____. Reflexões sobre o livro didático de literatura. *In: Português no ensino médio e a formação do professor*. BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.); KLEIMAN, Angela B. [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 103-116.

_____. A abordagem do poema na prática de ensino: reflexões e propostas. *In: Práticas de língua e literatura no Ensino Médio: olhares diversos, múltiplas propostas*. MENDES, Soélis Teixeira do Prado; ROMANO, Aparecida Beraldo (orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2012, p. 85-116.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: "Os amores difíceis". *In: Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007, p. 126-145.

_____. Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor. *In: Leituras literárias: discursos transitivos*. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs.). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, p. 145-162.

ROUXEL, Annie (org.). A tensão entre *utilizar* e *interpretar* na recepção de obras literárias em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. *In: Leitura*

subjétiua e ensino de literatura. LANGLAD, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (coord.); MORAES, Amaury C. [et al.]; JOVER-FALEIROS, Rita. São Paulo: Alameda, 2013, p. 152-164.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática. Série Princípios, 2008.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In: **Leitura:** Perspectivas interdisciplinares.* ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.). 2. ed. São Paulo: Ática, 1988, p. 18-29.

_____. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In: **Escolarização da leitura literária.*** EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). - 2ª ed., 2ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 17-48.

_____. Letramento em verbete: o que é letramento? *In: **Letramento:** um tema em três gêneros.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 15-25.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. *In: **Anais do evento PG Letras 30 anos,*** vol. I, 2003, p. 514-527.